

REVISTA

P 893



NUM. 156

DA

ANNO IV

CIDADE



ANTARCTICA



Guaraná Champagne

A excellente bebida
sem alcool!

O melhor refresco
que contem, de
facto, o legitimo
Guaraná do Ama-
zonas

Fabricação da

"ANTARCTICA"



Como me sinto feliz...

... em possuir minha casa — fresca

no verão, confortável no inverno e sempre

isenta de ruidos exteriores.

"Celotex" torna as habitações isentas de calores excessivos durante o verão, mais confortáveis no inverno e sempre quietas.

"Celotex" é de aplicação fácil podendo ser decorado ou revestido da maneira desejada. Peça-nos informes detalhados.

Peço enviar-me o seu bolcim
sobre "Celotex"

Nome _____
Residência _____
Cidade _____ Estado _____
RC _____

CELOTEX

INSULATING LUMBER

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUASÃO PEDRO, 66
RECIFE
AV. RIO BRANCO, 139



SÃO PAULO
RUA FLOR. DE ABREU, 158
PORTO ALEGRE
RUA CAP. MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

ATELIER DE GRAVURAS

EMILIO FRANZOSI

Fábrica de Placas esmaltadas, metal e leiteiros

GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço.
Cunhagem de medalhas e distintivos.
Fôrmas para sabonetes. Marcas a
fogo e recortadas. Sinetes para la-
cre. Carimbos de aço, metal
e borracha

Premiada com Diploma de Honra e Medalha de Ouro

TRABALHOS GARANTIDOS

Rua General Abreu e Lima, 265

Telephone, 6418

Esquina com a rua do Cajú

Depure seu Sangue

Fortaleça seu Organismo

Augmente seu Peso

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta logo uma transformação no seu es-
tado geral; o appetite au-
gmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico), a côn torna-se
rosada, o rosto mais fres-
co, melhor disposição para o trabalho, mais força nos
músculos, mais resistencia
à fadiga e respiração facil.

O doente torna-se flores-
cente, mais gordo, sente
uma sensação de bem es-
tar muito notável. O elixir
de Inhame é o unico depu-
rativo-tonico, em cuja for-
mula tri-iodada entram o
arsenico e o hydrargirio e
é tão saboroso como qual-
quer licor de mesa.

DEPURA - FORTALECE - ENGORDA

RHEUMATISMO E SYPHILIS TERCIARIA

OPINIÃO DE UM ILLUSTRE MEDICO MILITAR



Atesto ter empregado freqüentemente em minha clínica civil e militar, o ELIXIR DE NOGUEIRA, formula do saudoso pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, tendo obtido sempre resultados satisfatórios e mesmo completo sucesso no tratamento das manifestações syphiliticas de 2.º e 3.º grãos, que muitas vezes tenho visto curadas com uso continuado deste apreciado preparado, que parece possuir uma "acção especifia sobre a terrivel affecção".

Rio, 14 de Março de 1913.

Dr. Bueno Prado

Major Medico

PROBRIEDADES DA MANGA

A casca da manga contém um principio volatil, analogo à tcrebentina e uma substancia crystalisavel, a que se dá o nome de "mangostina".

A decoção do fructo é empregada como adstringente, sendo de grande utilidade nas molestias da garganta, corysas e outras inflammsções das vias respiratorias.

A pôlpa usado como condimento é efficaz tratamento de muitas formas de dyspepsia.

O Dr. Murell tambem empregou a manga com vantagem em alguns casos de bronchite chronica e de tosse produzida por um resfriamento.

Os "proibicionistas" dos Estados Unidos estão agora iniciando uma campanha, contra o caté e o chá, que affirmam ser tão perigosos como o alcool.

— Então o senhor insiste em casar com minha filha?

— Pois claro... A menos que me indiquem outro meio para poder pagar minhas dívidas...

Os homens tornam-se tão fortemente ligados aos outros homens pelos beneficios, que lhes prestam como pelos favores que d'elle recebe.

NÚMERO
156
ANNO IV

REVISTA DA CIDADE

18
MAIO
1928

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PRÓPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 207
Endereço Teleg.: REVISTA—Phone 0.000
RECIFE — PERNAMBUCO

Director-gerente — JOSÉ DOS ANJOS
Director-secretario — JOSÉ PENANTES

A S A B E L H A S E A S R O S A S

ERA uma vez uma abelha que não trabalhava. Sahia de manhã cedo e, á tarde, quando vinha para a colmeia, punha as azas sobre o corpo, adormecia quiéta, sem mesmo desejar bôa noite ás companheiras.

A colmeia ficava no fundo de um jardim de rosas.

Um dia, a abelha que não trabalhava chegou, por acaso, á cidade dos homens. Metteu-se por uma porta larga. Lá dentro, viu, no meio de muitas coisas misteriosas, mel. E viu que homens feios o trocavam por moedas feias. Vendiam mel! Aquelle mel, feito pelas irmãs della, aquelle mel, silêncio e musica, perfume de sol, claridade de flor, quasi sonho!...



Voltou depressa. Deu, indignada, a notícia. Foi um escândalo.

— Oh!

— Que horror!

— Que tristeza!...

Sem perder tempo a rainha decidiu:

— Não podemos continuar aqui.

— Não! Não!

— Vamos para longe!

Foram. O vôo côn de ouro apagou-se na distancia, alem da montanha, onde havia uma floresta.

Então, olhando as abelhas que desapareciam, as rosas do jardim, sorriram de contentes...

O busto, como se sabe, é o conjunto do corpo formado pela cabeça, o pescoço e as partes superiores do tronco. Sua altura é igual à distância que separa o ponto mais alto da cabeça do plano sobre o qual repousa o corpo do homem quando está sentado.

Ao nascer, o busto é muito comprido em relação ao resto do corpo, mas as suas proporções vão se reduzindo a medida que o indivíduo vai crescendo. Segundo o criminalista Pereier, o tamanho do busto dos criminosos em relação com a sua estatura oferece algumas particularidades. Os presidiários que têm o busto inferior à média formam um grupo pouco numeroso, são quasi sempre ladrões e alguns — poucos — criminosos violentos. Ao contrário os assassinos fazem-se notar por um busto de 1 a 5 centímetros maior do que o normal. Esta superioridade alcança até 10 centímetros nas grandes categorias de criminosos.

Entre elles resultam os violentos: os batedores de carteira, vagabundos e incendiários. Os fananistas entram na categoria dos bustos superiores, de 1 a 5 centímetros.

Entre os vagabundos assassinos, moedeiros falsos e incendiários, não se encontra um busto inferior à medida normal. Mesmo assim entre estes individuos



Quem abre a phisionomia num sorriso assim, bonito, ha de ter achado graça em alguma cousa. Pelo menos no photographo...

não ha nenhum busto superior de 10 a 18 centímetros sobre o tâlho medio.

Dentro de cincuenta annos, a luz custará a quinquagesima parte do que custa actualmente. Isto é, não existirá mais noite, nas cidades.

Tal é a prophecia, que faz o ilustrre biólogo de Oxford, o sr. J. B. S. Haldava, em um

artigo publicado na revista «Daedalo».

Julga o sr. Haldano que o exgotamento das minas de carvão e dos poços de petroleo é uma questão de poucos séculos.

«Pessoalmente — escreve elle — creio que dentro de quatrocentos annos essa grave questão estará resolvida pela Grã-Bretanha do seguinte modo: o paiz estará

coberto de fileiras de moinhos de vento, que farão mover os dinamos, os quaes por sua vez, darão corrente ás machinas electricas de alta voltagem».

A distancias convenientes haverá grandes estações electricas, onde em occasões de tempo ventoso, a energia que sobrar será utilisada na decomposição electrolytica da agua em oxygenio e hydrogenio. Estes gases serão tomados líquidos e armazenados em vastos depósitos, provavelmente mettidos na terra e que permitirão a armazagem da energia do vento, de modo possam ser empregados para industrias, transportes, calefação, illuminação, etc.

O custo inicial será considerável sem dúvida mas, depois, os gastos de exploração tornar-se-ão muito mais economicos do que os do systema actual.

Entre suas muitas indiscutiveis vantagens se contará a de que a energia se tornara igualmente barata em todos os pontos do paiz. D'ahi uma grande centralização da industria.

SE a privação do alimento e da bebida conduz rapidamente à morte os animaes superiores, logo que se desce na escala zoologica começam a aparecer notaveis exemplos de resistencia áquelle privação. Certos moluscos são, nesta particularidade, realmente interessante.

O doutor Baird fez

Sabbado 1 de Junho

NUMERO DE ANNIVERSARIO

DA

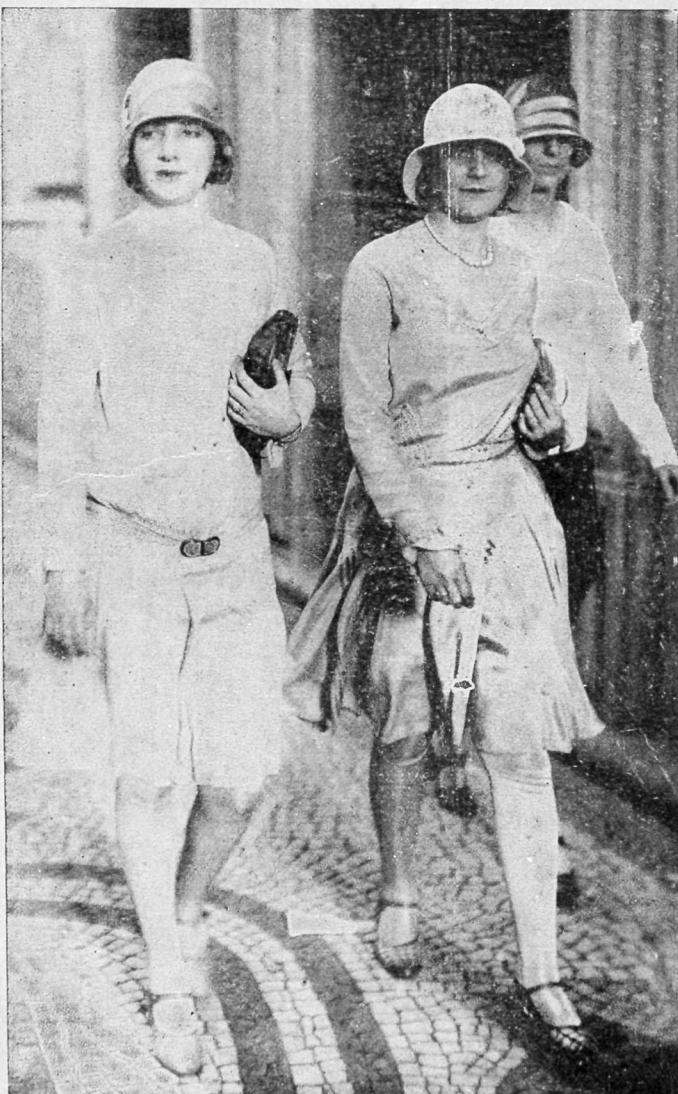
“ REVISTA DA CIDADE ”

observações com um caracol procedente do Egypto. Fixou-o sobre uma taboinha, no Museu Britânico, e ali o deixou completamente olvidado. Ao cabo de quatro annos notou-se que o animal tinha feito esforços, sem duvida para sahir do seu carcere: mas que convenido da inutilidade d'esses esforços, se recon-

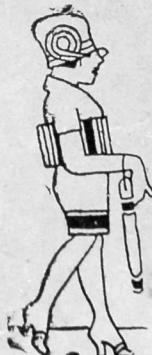
lheu de todo na sua casca, da qual, tapou a entrada, resignando-se a esperar os acontecimentos. Esta pacientissima espera não foi vã, porque, ao ser introduzido em agua morna, apparecer, muito magro, porém vivo.

do seu recente casamento com Jascha Höffetz. Segundo anunciam, a filmagem desse trabalho teve começo nos primeiros dias do corrente mez, sob a direcção de William Wellman, o director do «Azas» e «A Legião dos Condenados»

PRIMEIRO DE JUNHO,
edição especial.



Nos dias bonitos de sol, a alegria da cidade
é a alegria de suas mulheres



O
R
I
O

A Cachoeirinha artificial da Usina
e o Rio bohemio e indiferente que vem de longe a cantar . . .

Amôr . . .

Inutilmente a Cachoeirinha se consome
e em vão soluça os seus soluços de agua amante :
o Rio alegre não se commove.

Elle vem de tão longe !

Traz mil saudades a boiar nas aguas claras,
canções de adeuses e suspiros a embalar . . .

Depois, o seu amôr é bem o amôr de um bohemio :
impetuoso e geral.

Amôr que passa, mas é forte e leva tudo na corrente . . .
Amôr que ama tudo o que vê . . .

Ternuras loucas de cachoeiras,
gritos de espuma, espasmos livres de aguas sôltas,
tudo o voluvel deixou atraç.

Aonde vai, nesse andar indolente e lascivo,
o cigano amorôso das levadas ?

A Cachoeirinha grita-lhe : « Pára !
Fica commigo ! Não te basta tanto amôr ? »



Austro - Costa

E elle nem ouve... E que cantigas flébeis
vai a cantar!

Segredos virgens da mattaria,
coisas d'amôr de samambaias e de ninhos...
Que importa lá!

Lá — longe, lá bem longe aonde elle vai, quem sabe
o que é que o espera?! — A febre azul das ondas?
o seu amôr feroz, atroz?

Quem sabe lá! Cumpre elle apenas o seu fado...

* * *

Rio, irmão dos Poetas,
que volubilidade!
nosso destino é bem: cantar, amar, passar...

— Cachoeirinha, em vão suspiras e te inquiétas:
Deixa o Rio lá ir... que é por fatalidade
que elle não será teu, pois tem que ser do Mar...

Engenho

“Santa Fé”

18 — IV — 929



O «Caté Momus», em 1860, era situado à rua dos Prêtes Saint-Germain - l'Auxerrois. Era nesse que se reuniam os bohemios de todas as classes, mórmente das Letras.

Henry Murger, o autor da «Vie de Bohème» Champfleury, o autor das «Aventuras de Mlle. Mariett» com os estudantes, Jean Wallon, o «philosophos» Colline da «Bohemia», Joannis Guingard, etc., nas horas desocupadas escolhiam este tradicional ponto de Paris para conversar e observar tipos curiosos.

Momus via-se atrapalhado muitas vezes com as estudantadas e as patuscadas desses ilustres letreados, e ficava nervoso quando ingressavam no seu estabelecimento. Eram communs as perguntas :

— Murger está lá acima? inquiria Wallon.

— Wallon já veio? perquieria Murger.

— Champfleury está



Senhorita Olga Rinaldi Gatti que veio ao Recife para dizer-nos, com a sua emoção de artista e a sua alma de bahiana, uma porção de lindos versos. A sua festa de arte está marcada para o dia 22, no Salão do "Diário de Pernambuco".

lá arriba? informava-se Guingard.

— Guingard já entrou? solicitava Champfleury.

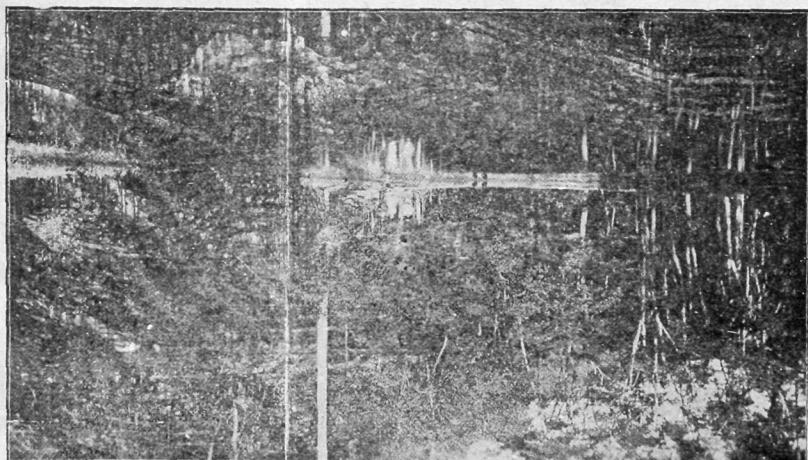
Vê-se que essas perguntas eram todas combinadas: do contrario redundariam nuni queproço impagável que, ainda mais embrulharia o pacato e feliz cafeteiro.

**

Outra aventura famosa foi a de Wallon que para festejar o «enteramento» do Café, convidou, certa noite, umas amas-seccas e alguns cocheiros e carros fúnebres, prometendo-lhes vinho. Momus não gostou nada quando o outro lh'os apresentou:

— Momus, eis uma antithese viva: as amas secas são a vida e os cocheiros fúnebres a morte. Umas assistem o nosso nascimento e os outros ao nosso fim. Quantos genios não o ninaram estas damas e este homens não levaram ao cemiterio!

Mas os convivas não estavam para conversa



Os recantos que a Natureza decora para ventura do homem

queriam vinho. Este não veiu. Fizeram um barulho infernal. Então Momus se encarregava de apaziguar os imperitentes.

— Vou mandar vir cerveja e leite. Aquelas que não quiserem leite e nem cerveja,

a polícia era requisitada e conduzia muitos «letrados» para o X, letra que elas abominavam.

UM dia, um jovem amador de auto-

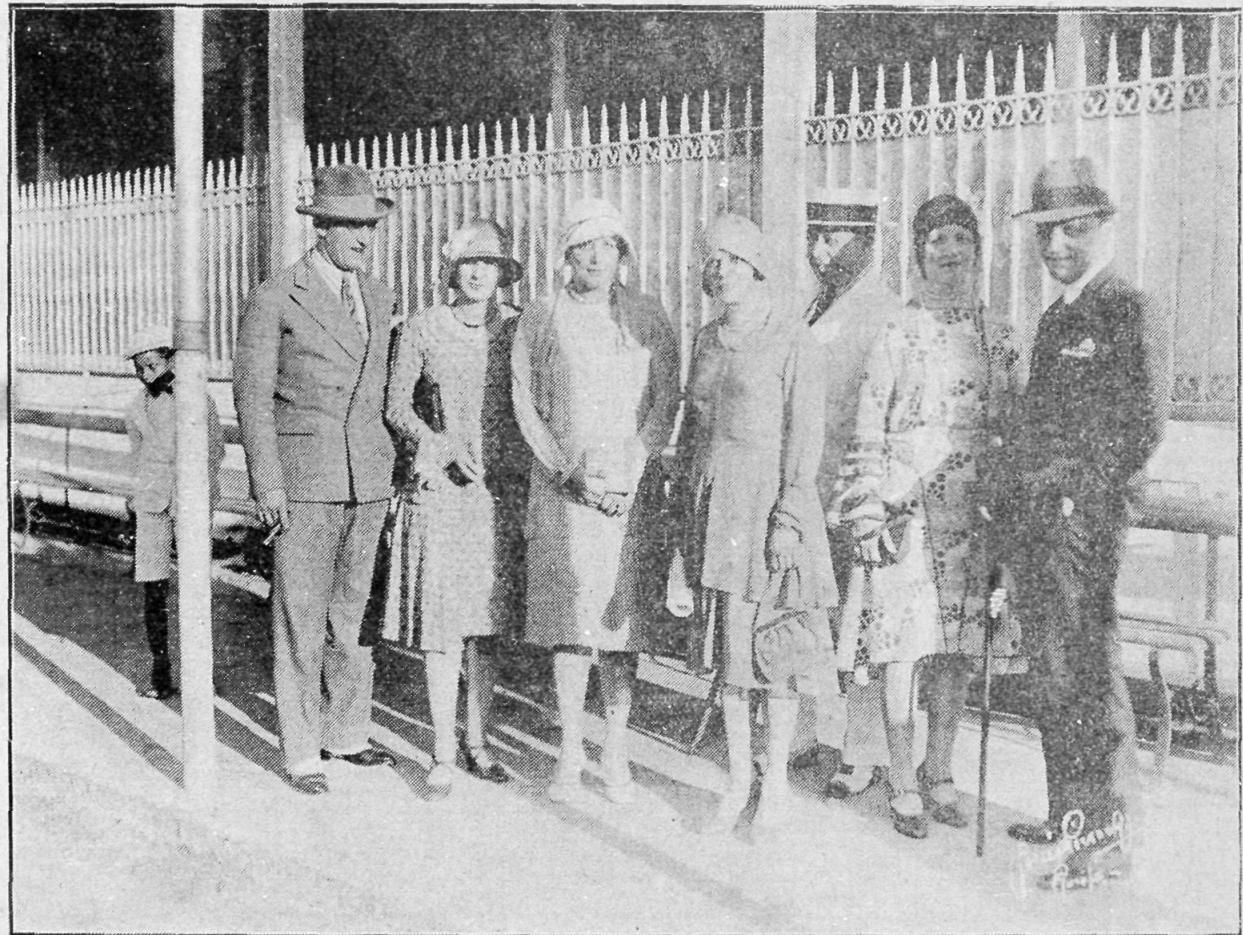
graphos escreveu ao director de um jornal americano a seguinte carta :

«Meu caro senhor, si entre os vossos autógrafos houver algum do pranteado poeta Poe e

puderdes dispôr dele, ser-vos-ei muito grato si m'lo remetterdes pelo correio».

O jornalista respondeu assim :

«Meu caro senhor, entre os tesouros literários que conservo há um precioso autógrafo



As corridas no "Jockey Club"

continuam animadas e
frequentadas pela nossa**bôa**
sociedade. O instantâneo
acima é um exemplo e foi to-
mado durante as últimas
corridas

podem misturar os dois líquidos.

— Vinho! vinho!
gritavam os illudidos convidados de Wallon.
Este:

— Olhem, ali vêm os refrescos.

— O leite está frio?
perguntaram uns.

— A cerveja está quente? perguntavam outros.

Era uma balbúrdia, uma verdadeira função cada vez que os bohemios se reuniam no «Café Momus». As vezes

do nosso chorado poeta Poe. É uma cambial de 50 dollars e as despesas do protesto; estou prompto a ceder-vos por 25 dollars apenas».

E s t á e m p r e p a r o a
EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO
D A
R E V I S T A D A C I D A D E

HA quem tenho coragem para affrontar desgraças conhecidas e receie uma nuvem; a imaginacão é que produz o medo. — C. Diane.

Dois sonêtos de Garcia Rosa

I

M O C I D A D E

Na mais bella estação da vida, quando
Acorda a seiva á voz do sentimento,
Foi-se-me aos poucos n'alma accentuando
Esse vago anhelar, esse tormento . . .

Peguei na lyra e o coração vibrando,
Bem como os leques da palmeira ao vento,
As graças da Mulher andei cantando,
Ao capricho do vario pensamento . . .

Os lindos olhos de uma ; o timbre de ouro
De uma voz que nos ares se derrama
E direis de archanjo, sem desdouro . . .

Tudo que um peito adolescente inflamma,
E não vale o mirifico thesouro
Do coração da que nos ama.

II

No seio umbroso da floresta amiga
Deslisa a fonte, a murmurar, sonora.
Se raia o sol, que limpida cantiga !
Se o sol transmonta, abaixa a voz e chora.

Ao sapo, a féra, ao passaro mitiga
A sêde que os persegue, abrazadora ;
Reflecte o galho em flôr d'arvore amiga
De mistura com o verme que o devora.

A' propria pedra que lhe estorva bruta,
O livre curso musical, de geito,
A dar-lhe á face mil fremitos de lucta,

A' propria pedra dá mais lindo aspeito . . .
Oh ! Musa ingenua, oh ! minha Musa escuta,
Tens nessa fonte um symbolo perfeito.

NUM FIM
DE
TARDE,

A VOZ
DE
UM SINO...



AVE-MARIA... Um sino tange...
É a voz do sino, triste, a errar
Vae pela serra, e pelo mar...
O coração se me confrange
N'uma tristeza singular.

Num fim de tarde, a voz de um sino
Tem qualquer cousa singular.

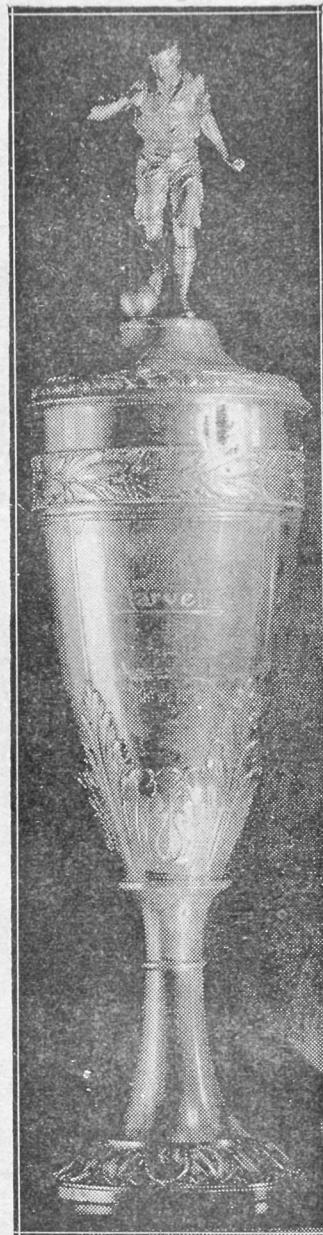
Outr'óra, em tempo de menino,
A minha mãe ia resar,
E pedir pelo meu Destino,

Mortas as tardes, quando um sino
Tangia triste a badalar...

Hoje homem sou. Como um alfange
Corta-me o pobre coração,
A voz de um sino quando tange...
E uma feliz recordação
Alegre e clara com um hymno
Me vem n'uns sonhos embalar...

N'um fim de tarde, a voz de um sino
Tem qualquer coisa singular...

UMA das novidades deste anno turístico em França foi o triunpho do turismo automobilístico por meio de «autocars» de uns quinze logares e por caravanas dos mesmos carros. Não se trata de pequenas excursões, mas, sim, de longos circuitos, como a «semana da Alsacia-Lorena», organizada pelo «Touring-Club» francez; experiencias estas em seguida ás quaes se prevê que, dados os preços prohibitivos dos autos particulares, da benzina e dos pneumáticos, esta nova forma de automobilismo collectivo deve daqui a pouco vulgarizar-se e marcar uma innovação na historia dos costumes. Que é, com effeito, o automobilismo collectivo em longos percursos—observa o «Cry de Pariz»—senão um regresso á vida das diligencias de outr'ora, com um pouco mais de rapidez e com muito maior commodidade? Como as antigas diligencias, o «autocar» presta-se as bôas relações e ás amizades de viagem, mas certos incidentes da vida ambulante são um tanto comicos e apresentam casos novos para as convenções sociaes. Por exemplo, o da «panne...» obligatoria. Demonstraram certas experiencias recentes que se as senhoras suportam impavidas «étapes» de quatro horas consecutivas sem parada os homens são menos pa-



TAÇA MARVELLO

offerecida pelos fabricantss dos collarinhos "Marvello" á Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres assim de ser disputada no campeonato deste anno. O lindo brinde acha-sse em exposição nos mostruários da "Camararia Especial"

cientes; mas, por outro lado, as convenções sociaes prohibem-lhes deixar transparecer as suas inquietações.

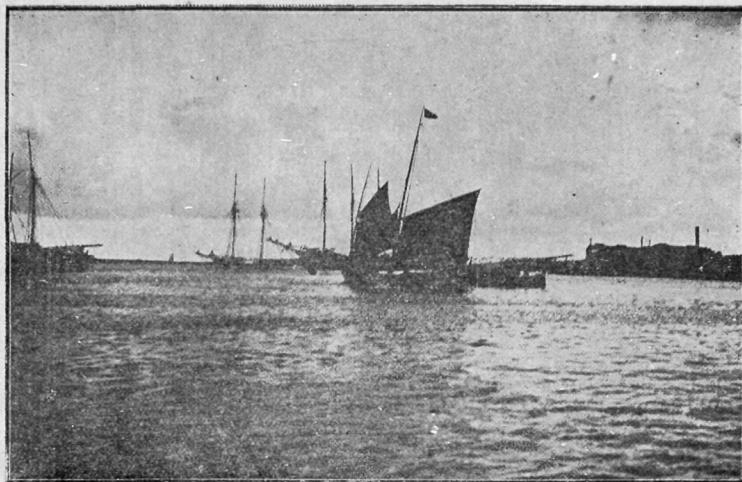
Felizmente, o «chauffeur» tem ordem de... singir a intervallos de de cerca de uma hora qualquer «panne» insignificante que justifique uma curta parada. Se, por accaso, o «chauffeur» se esquece, ja foi encontrado o remedio para tal situação: um viajante deita a cabeça de fóra da portinhola, deixando que o vento lhe arrebate o chapéu. Assim se explica o caso de terem voado muitos chapéus durante a viagem através da Alsacia Lorena, pois era necessário obter pudicamente a parada exigida pelas leis da natureza, que são superiores ás da mecanica.

As Estrellas

Segundo Houseau, são visiveis a olhos desarmados 5.719 estrellas, sendo 2.916 no hemisphero norte e 2.803 no hemisphero sul.

A inferioridade do hemisphero austral provem principalmente da região polar, onde ha 100 estrellas visiveis para menos do que na região correspondente do hemispheros boreal.

Com um simples binocolo, podem ver-se umas 10.000 estrellas; com os instrumentos de que dispõe hoje a sciencia; descobre quantidadades innumeraveis; com paciencia, poder-se-iam contar cem milhões.



**O porto do Recife, ao nascer
do sol**

O senhor de Besencaux gosava de bastants favor com o cardeal Mazzarini. Um dos seus parentes, grande servidor do rei, porem pouco favorecido de fortuna, rogou-lhe que o apresentasse ao ministro. Besencaux preveniu o cardeal, assegurando a este que o

seu parente desejava apenas dizer-lhe duas palavras.

— Como são só duas palavras, elle que venha — disse Mazzarini; mas que se limite às

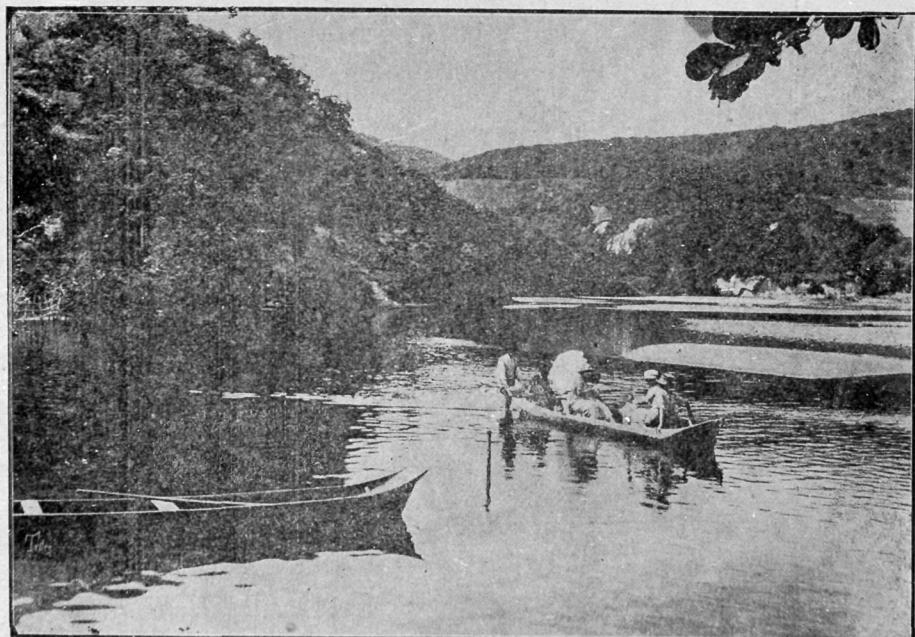
duas palavras e nada mais.

O tal parente foi recebido, depois de lhe ser feita esta expressa recomendação. Estava-se no inverno, e para

sahir do seu embarço o pobre gentilhomem, aproximando-se do cardeal, disse-lhe isto tão somente :

— Monsenhor : frio e fome.

— Lume e pão — respondeu-lhe Mazzarini, concedendo-lhe uma pensão.



Onde a natureza promete esquecer as magras da vida

O QUE FICOU NA POÉTICA DA SEMANA...

Scena complicada

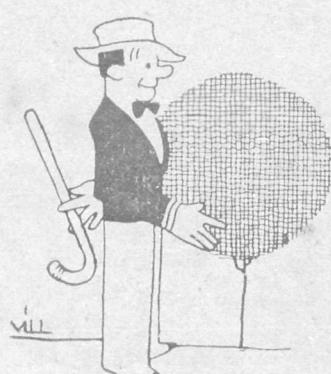
Antes de tudo é preciso apresentar os dois heróes. Elle é um rapaz interessante, bem accommodado na vida e feliz nos amores. Ela é uma linda bonequinha que parece ter sahido das fabricas de Sévres, tão delicada e tão sorridente apareceu na vida. Elle, habituado ao traquejo perfido dos amores faceis e ephemeros, pensou que o seu romance com a bonequinha seria uma historia igual ás outras. Ella, a princípio supoz que a nova paixão seria apenas um "flirt" sem importancia. Enganaram-se, os dois, e a historia tomou rumo bem diverso. E' nessa altura que apparece, então, a austeridade perigosa de um pae cuidadoso e severo. Desses cuidado e austeridade resultou que o amor dos dois não mereceu a aprovação paterna e vem dahi atroz perseguição ao rapaz. Foi mercê disso que, outro dia, num dos nossos cinemas, quando os dois repetiam a velha historia dos velhos colloq'ios de amor, com juras e protestos de fidelidade eterna, eis que irrompe na sala, a figura respeitável do terrivel perseguidor. O velho entrou, passo firme, direito, apavo-

rante, e sentou-se ao lado da filha. O rapaz teve suores frios, encommendou a alma e aguardou, resignado, os acontecimentos. Quando a escuridão voltou ao ambiente, o respeitavel auctor dos dias daquella linda criatura trocou de lugar com a filha e, enquanto a fita corria na tela, serenamente, elle assentou o seu "42 bico largo" no "38 bico fino" do moço apaixonado, esmagalhando-lhe impiedosamente os melhores callos. O rapaz abatou um grito de dôr e, sem guardar conveniencias, abalou, pulando a fila e maldizendo o destino que dá a certas criaturas paes tão severos e... de pés tão pesados...

Loucura divina !

O athleta litterato começou fazendo a sua lit-

teratura inédita, com estouros, tijolladas, gritos, assobios, sapos, etc. Com isso fez nome e ficou aguardando acontecimentos. Os seus confrades não deram grande importancia á sua arte e muitos até riram á socapa das "novidades" que elle apresentava. O tempo correu. O poeta não desanimou e continuou no seu idealismo, senão respeitável, pelo menos digno de acatamento. Mas a compensação não tardou e já agora ha quem adore ás tijolladas do novo "anthropophago". Foi isso decreto que levou, outro dia, certa criatura, escriptora tambem, a chamal-o, enthusiasmada, "o louco divino". Para um poeta modernista, filiado ás correntes anthropophagicas da terra, não podia haver maior recommendação, nem maior victoria. Ser louco, numa época em que toda gente tem juizo, já é alguma cousa. Louco divino, então, já é superlativo...



Das letras ao matrimonio...

A historia da trefega e deliciosa criatura cujos olhos andaram mortificando muitos corações, e que pensou um dia em ser litterata, poetiza, ou cousa semelhante,

é uma historia curiosa. O seu primeiro trabalho litterario foi uma poesia com alguns versos quebrados, alguns erros grammaticaes e outros tantos ortographicos. Para ajuizar valor de sua obra, a linda morena escolheu um de seus admiradores. Olhando o trabalho com olhos de apaixonado, o joven teceu-lhe encomios exagerados e animou quanto poude a incipiente cultora das muzas. Disso, felizmente, não resultou mais uma poetiza. Resultou, apenas, mais um casamento. E como este foi do gosto dos dois, ella deixou de tentar os versos



e passou a cuidar do lar. O rapaz está satisfeito e, segundo se sabe, confessou-lhe a insinceridade quando foi o critico, pagando-lhe, porem, logo que foi marido, com um affecto que vive a metter inveja aos antigos admiradores della.

Amor e odio

Pelo titulo parece romance em fasciculos semanaes ou fita romantica da saudosa Bertini. Nada disso, porem.



LV.

mance cinematographico com o titulo ridiculo que ficou acima.

Amor velho não cansa...

O doce encantamento que uniu, durante muito tempo, o joven cultor das letras e a deliciosa amadora de musica, soffreu, faz longos meses, uma inesperada suspensão. O tempo correu, naturalmente, outros amores passaram pela alma dos dois e agora a saudade está reavivando a chamma que pa-



A historia é bem nova, em edição recente. Os dois protagonistas são nossos conhecidos. Um trabalha no commercio laborioso da terra e a outra anda ás voltas com a reforma do professor Escobar. A principio, amavam-se com todas as véras da alma, passeavam a sós pelas alamedas do parque do bairro, iam ao cinema juntos e davam o que falar aos linguarudos. Depois, a temperatura mudou e a historia teve o seu ponto final. Surgiu então outra historia. E os dois, que eram tão unidos, dizem cobras e largartos um do outro. Ella já declarou, outro dia, perante varias collegas, que o odeia. A razão desse odio ninguem atina, porque ella propria não sabe explicar. Eis ahi, portanto, como de um idyllio terno, suave, surge um ro-

rencia exticta. Pouco se veem, entretanto, os dois antigos apaixonados. Apezar disso, porem, ambos guardam da antiga historia uma recordação que não morre facilmente. Por isso, não será difícil que dentro em breve tenhamos "cousas" a contar, essas deliciosas "cousas" que os jovens apaixonados sabem dizer com um colorido que nenhum artista seria capaz de imitar. Affirma-se, assim, mais huma vez, a velha sabedoria de que, como o odio, o amor velho não cansa...

Um montão de ruínas

NO QUARTO burguez, enfeitado com um coroado de reps, castanho e tendo a um canto um grande armario de acajú, a mãe e a tia, pallidas e extenuadas pelas vigilias, metidas em vestes novas de lucto, o rosto apoiado nas mãos e encostadas á chaminé que ardia — por causa da doentinha — apesar da primavera já esquentar os dias, e o jovem pae, desvairado, consideravam, no silencio que rythima apenas o tic-tac do relogio, a pequena agonizante, mal respirando, sem forças para a morte, na estreita caminha de ferro, junto a qual se achava sentada uma religiosa, ja velhusca, a pelle toda encarquilhada e amarellenta sob o véo branco, percorrendo com movimento distraido as contas do róssario.

Era uma menina de seis annos que ia morrer. Com tres annos ainda não sabia falar — aprendera lentamente, sempre tão fráquinha, desenvolvendo-se a muito custo; daqui a pouco não falaria mais, pois estaria morta. Havia palavras que nunca saberia... O medico dissera que estava tudo acabado, não havia mais esperanças; acrescentara, porém, sofreria pouco; a fraca vitalidade que lhe restava não era suficiente para offerecer luta contra a morte.

E era verdade; não

soffria. Notava-se-lhe apenas um pouco de cansaço na respiração. Parecia tranquilla na sua caminha de ferro; e como lhe haviam dito que não se mexesse, permanecia immovel, os bracinhos estirados sobre as cobertas, num ultimo contentamento de ser obdiente.

Na verdade sabia que ia morrer — porque tinha ouvido as palavras murmuradas em voz baixa — mas não sabia o que fosse estar morta. Recordava-se que uma manhã haviam retirado da gaiola o catuárinho, todo arrepiado, com as patinhas esticadas e lhe haviam dito que estava morto, mas ella não comprehendera por que razão isso o impedia de cantar.

Depois contaram-lhe que o avôsinho havia falecido na província com oitenta annos de idade! Depois quando já era maior, vira passar muitos enterros com muitas flores sobre os carros negros, e era tão bonita, tanto as flores; a ideia da morte florescia em sua pequena alma como um grande ramalhete.

Sómente o que a in-

quietava é que depois de morta mettiam a gente debaixo da terra. Tinha certeza disto e tambem tinha receio; a terra era feia, escura, suja, cheia de humidade e de vermes...

Nunca vira enterrar alguem, mas lembrava-se deste facto: uma vez, passeando no campo com o pae, deante de uma propriedade que possuiam em Villeneuve-Saint-Georges, tivera que saltar um poço, escorregara, fazendo cair um pesado bloco de terra, e o pae dissera lhe:

«Toma cuidado, estouvada, havia uma borboleta na lama: eil-a enterrada agora». Então ser enterrada era aquillo, era ficar presa debaixo da terra, não podendo ver nem ouvir, estar ali envolvida e esmagada? Da Morte era o unico medo que sentia. Mas lembrava-se tambem que lhe haviam promettido os Anjos! Como seriam?

Seriam meninas ou meninos?

O Paraíso seria um jardim, como o parque Mosceau? Haveria brinquedos? Saltar-se ia na corda? Poder-se ia com-

prar doces com dinheiro que leva a creada?

Seria permitido passar orgulhosamente com a grande boneca nos braços, fingindo de mamã, ninando-a, da mesma forma por que se era ninada em pequena?

Pensou na boneca. Adorava-a porque era bonita e estava tão bem vestida e era muito mais linda que todas as outras bonecas.

Era como se fosse uma irmãzinha; parecia-se consigo. Quando estava boa, brincava todo o dia com ella, sorria-lhe e ella lhe respondia com um sorriso dos seus finos labios pintalgados. Ha muito tempo que não a deixavam mais ver. Roubaran-lhe para que lhe não augmentasse a febre quando se punha a ninal-a, beijando-a, sorrindo-lhe. Mas não é verdade que os Anjos lhe tornariam a dar, quando morresse, no parque Monceau do Paraíso?

A religiosa ergueu-se.

— Parece-me que a menina vai morrer, disse baixinho.

A tua soluçava, encostada ao angulo da chaminé; o pae e a mãe, atiraram-se, como doidos, para a caminha de ferro.

Mas a freira acudiu.

— E' melhor que se vão embora. Eu os chamei quando fôr hora.

Pois sim, venham, disse o pae fazendo signal á mulher e á irmã. E acrescentou, num grande soluço:

Sabbado, 1 de Junho

EDIÇÃO DE ANNIVERSARIO

DA

“ REVISTA DA CIDADE ”



**Senhorita Maria Etelvina
de Lima Casa Nova,
filha do casal Silvino
Casa Nova**

— Desejavamos uma coisa. A pobresinha tem uma boneca que adora; tomaram-lhe para que se não fatigasse em brincar com ella; pois bem, quando fôr se approximando o fim, torne-lhe a dar... ponha-a a seu lado, na cama, e depois para que tenha uma companheira enterrar-se á com ella.

A religiosa, após haver hesitado, respondeu:

— Como quizerem.

A creançá olhava fixamente para o muro.

A religiosa repetiu:

— Sim, como quizerem. Mas deixem-me sozinha com ella... E' melhor. Está ouvindo-os chorar. Eu a embalarei com as minhas rezas. Nós outras somos as mamãs da morte.

Sairam todos cambaleando. A velha religiosa sentou-se então e fechou os olhos murmurando as contas do seu rosário.

Pensavam que a pequena não ouvisse; ti-

nha ouvido tudo. Então queriam fazer isso? Porião debaixo da terra com ella a boneca que estava no armario? Por que? Se a boneca não estava doente e não ia morrer. Não era justo o que fazer. Uma menininha que morre, que se ponha num buraco, seja, pois que é esse o hábito; mas uma boneca para que enterra-la viva? A pequenina agonizante sentia todo o horror daquella acção. Sua boneca enterrada,

enterrada viva? Que a puzessem na terra, a ella, morta, era muito simples. Mas não havia motivo para que fizessem o mesmo á boneca. A sua boneca ser posta na terra suja, ser por elia envolvida, esmagada, como a borboleta no fosso...

Arquejante, a pequena levantou-se, espiou a religiosa que dormia, ou fingia dormir e, com uma força imprevista, afastou as cobertas, encaminhou-se para o ar-

mario, os bracinhos tremulos apalpando o ar, mais branca que a sua camisinha branca, os pesinhos nus pisando sem ruido. Com as duas mãosinhas, num esforço supremo, conseguiu abrir o armario e tomou a boneca, olhou ainda uma vez a religiosa que parecia dormir, depois, encaminhando-se para a chaminé, jogou sobre as brazas a pequena figurinha de seda e rendas que tinha um chapéu cór de rosa enfeitado de myosotis

A chamma crepitou alimentada pelo brinquedo, avivou-se numa subita alegria. Dahi ha pouco, apenas restava boneca um montão de cinzas. Isto feito, a creançá, arrastando-se pensosamente, conseguiu galgar de novo o leito, deitou-se e poz os bracinhos estirados sobre a coberta como lhe haviam recommendedo, e mórreu — a freira não tinha dormido, acabando as suas preces suavemente.



CONTRO



SHMANNAL

O EXILADO**RAYMUNDO GUIMARÃES**

Chama-se Aristides. E' um rapaz vigoroso, de 18 a 19 annos, moreno, sem ser mestiço. de feições regulares, muito sympathetico, bem educado e instruido. Quando não está deitado no soalho, ou no terraço, insensivel aos raios solares, anda sempre a passeiar, de olhos semi-cerrados, com a mão direita espalmada sobre a testa. Queixa-se de violentas dores de cabeça e é quando elles mais o torturam que da para cantar velhos fados de Portugal.

E' brasileiro, mas filho de um negociante portuguez, que foi durante muitos annos estabelecido nesta capital, com uma importante casa. Quebrou mais tarde e retirou-se para Portugal. Um seu antigo socio, possuidor de grande fortuna, fôra estabelecer-se em Nova-York, e o pae de Aristides resolveu mandal-o para a metropole americana, afim de iniciar-se no commercio, sob a protecção desse amigo.

O pobre rapaz con-

tou-nos certa vez um episodio interessante da sua viagem. No trajecto daqui para New York não soffreu a menor contrariedade. Mas, ao chegar, verificou que já não dispunha da quantia que a policia americana exige dos imigrantes e sem a qual estes não podem desembarcar. Com muita dificuldade e quasi nenhum dinheiro conseguiu illudir a vigilancia dos guardas e perdeu-se na cidade imensa. Tomou um

bonde e andou, andou... Foi como se tivesse viajado daqui a S. Paulo. Voltou no mesmo veiculo e, ao apeiar-se numa grande avenida, não sabia o que fazer nem para onde ir. Não comeu nem dormiu nesse dia e no outro estava com uma fome desesperadora.

— Que fez você?

— Entrei num restaurante e pedi um logar de GARÇON. Deram-m'o e eu fui logo trabalhando e comendo. Era um prato para o freguez e

outro para mim. Tanto comi que o patrão, horas depois, resolveu por-me na rua com um ponta-pé. Não me incomodei com isso, porque já estava farto.

Aquella aventura em New York foi o principio da sua loucura. Dias depois estava completamente VARRIDO e o nosso consul mandava-o para cá, a bordo do RIO DE JANEIRO. Saiu do navio para entrar no Hospicio.

Estava um dia o Aristides ao pé de uma janella, a fallar sosinho, e nós a ouvilo:

— Eu não sou portuguez. Meu pai é portuguez, mas eu sou brasileiro. Estive em Portugal, no Porto, mas sou brasileiro. Esta é a minha terra. Será? E'. Mas, então, porque é que me trazem preso e não me deixam, ao menos, ver a minha terra?

Aquelle grito de amargura doeu-me no coração. Mas elle não se commoveu, não se abalou. Ri gostosamente e logo em seguida proferiu uma porção de asneiras...

“Alta Costura”

LIMA & Cia.

30 — Conceição — 30 — RECIFE

Vestidos e chapéos para grande cerimonia — Executa-se qualquer modelo — Vestidos para creanças e roupas brancas.

FAZENDAS — VESTIDOS FEITOS

SUMMA ELEGANCIA

**A C I D O U R I C O
O FLAGELLO DA VELHICE**

ELIMINE O ACIDO URICO COM O

H Y D R O L I T O L

Na propria residencia faz-se
uma estação de cura com a
diminuta despeza de \$500 por litro

HYDROLITOL VENDE-SE EM TODAS AS PHAR-
MACIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS E NO POSTO

HYDROLITOL A RUA NOVA N.^o 317—Caixa com 10
litros 5\$000—1 litro \$600.



Uma mulher turca de Adana, Mme. Rukhie Hanem, que tinha "apenas" cento e vinte e dous annos, falleceu recentemente. Deixou 102 filhos e netos e 95 descendentes de terceira e quarta gerações.

—
A famosa actriz francesa Cecile Sorel, hoje convertida em condessa de Segur, deixou o palacete em que residia no Caes Vol-

taire para se installar em uma nova casa de estylo ultra-moderno.

Feito isso vendeu sua primitiva morada, uma joia architectonica em estylo Luiz XIII com tudo quanto nella continha, inclusive o famoso e luxuoso leito, que fôra mandado fazer pelo rei Luiz XV, especialmente para a condessa Dubarry.

Esse leito foi vendido em leilão por 250 mil francos (105.000\$000).

A Cerveja maltada

III

Malzbier

II

**é um poderoso fortificante,
de delicioso Paladar**

S.A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200.000\$000

RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

End. Teleg. REVISTA — PHONE, 8015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Majo Adolpho Cavalcanti*

" THESOUREIRO — *Senador Waltredo Pessoa*

" SECRETARIO — *José Penante*

" GERENTE — *Dr. José dos Anjos*

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO
TRABALHO GRAPHICO

"REVISTA DA CIDADE"

o magazine de maior circulação em todo

o norte do Brasil com

officinas e organisação proprias.

ASSIGNATUAS :

UM ANNO — 48\$000

SEIS MEZES — 25\$000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO A CARGO DO

Dr. LUIS MENDES

Praça Floriano Peixoto, 19

4.^o andar Sala da frente

(Editicio Imperio)

Tel. C. 2859—Endereço telegraphico—FANEIRA



S.A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200:000\$000

RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

End. Teleg. REVISTA — PHONE, 6015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Adolpho Cavalcanti*

" THESOUREIRO — *Waltredo Pessoa de Mello*

" SECRETARIO — *José Rodrigues dos Anjos*

OCTAVIO MORAES — DIRECTOR GERENTE

(Toda correspondencia com este endereço)

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO
TRABALHO GRAPHICO

"REVISTA DA CIDADE"

o magazine de maior circulação em todo
o norte do Brasil e o unico que tem
officinas e organização proprias.

ASSIGNATURAS:

UM ANO	—	48\$000
SEIS MESES	—	25\$000

SUCCURSAL — JANEIRO A CARGO DE

LUIZ ENDES

Praça da Sé, 19 — Peixoto, 19

8 - 8.^o

(Edificio Imperio)



B E B A M



AGUA SANTA RITA

F O N T E M A G É
E S T A D O D O R I O

A M E L H O R A C A N H A D E M E Z A
D O B R O U S I L

Agente no Estado — Cav. canti & Queiroz